

O canto nas igrejas: o estudo do uso vocal dos coralistas e não-coralistas

Grazielle Capatto de Almeida Leite *

Renata Assumpção**

Alcione Ramos Campiotto***

Marta Assumpção Andrade e Silva****

Resumo

Com o objetivo de conhecer a forma de utilização da voz cantada e da voz falada, foram entregues questionários específicos a coralistas e não-coralistas de igrejas Católica, Presbiteriana, Metodista e Assembléia de Deus. Os dados coletados foram variados entre os diferentes grupos. Estes foram cruzados com a literatura e abordados nos seguintes temas: história do canto, história das igrejas no Brasil, canto na Igreja, características do canto, voz cantada na fonoaudiologia e saúde vocal. Conclui-se que não há ocorrência significativa de queixas vocais entre os coralistas e não-coralistas das igrejas pesquisadas, e, além disso, não há consciência do uso vocal por parte dos sujeitos entrevistados. Essa população apresenta uso intenso tanto da voz cantada como da falada, sendo importante a atuação do fonoaudiólogo junto a ela.

Palavras-chaves: voz; música; religião.

Abstract

This article intends to know the way people use the singer voice and the speech voice. Specific questionnaires have been handed to the Coral members and non-members of those churches: Catholic, Presbyterian, Methodist and Assemble of God. Each Church presented a different collected data, which was crossed with the literature and the following themes: singing and church's history, sing in the church, characteristics of sing, singer voice in the Speech Language Pathology and vocal health. It has been concluded that there were no significant occurrence of vocal complaints between the coral members and non-members in the churches that were researched. However, people do not have conscience on how to use the voice. This is a kind of population, which presents an intense use of both singing voice and speech voice. Therefore, it is of paramount importance the Speech Language Pathology's help to both groups.

Key-words: voice; music; religion.

* Fonoaudióloga do Serviço de Fonoaudiologia do Hospital Heliópolis; mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP; especialista em voz pela da Irmandade de Santa Casa de São Paulo. ** Fonoaudióloga clínica; mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP; especialista em voz pela da Irmandade de Santa Casa de São Paulo. *** Mestre em Distúrbios da Comunicação; especialista em voz e motricidade oral. **** Fonoaudióloga; professora doutora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP; professora Adjunta da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Resumen

Con el objetivo de conocer el método de uso de la voz en el proceso del canto y del habla, se entregaron cuestionarios específicos tanto a miembros como a no miembros del coral de las Iglesias: Católica, Presbiteriana, Metodista y Asamblea de Dios. Los datos recogidos variaron según los grupos, estos fueron contrastados con la literatura y abordados respecto a los siguientes temas: historia del canto, historia de las Iglesias en Brasil, el canto en la Iglesia, características del canto, voz cantada en la fonoaudiología y salud vocal. Se concluyó que no existen quejas significativas por problemas vocales entre los miembros y no miembros del coral de las iglesias investigadas, y que no hay conciencia sobre el uso vocal de parte de los sujetos entrevistados. Esa población presenta un uso intenso tanto de la voz cantada como de la hablada, siendo importante la actuación del fonoaudiólogo junto a ella.

Palabras clave: voz; música; religion.

Cantar também é uma forma de comunicação, é uma forma de expressão dos sentimentos.

Costa e Andrade e Silva (1998)

Introdução

Ao longo do ano de 2000, durante a realização de triagens fonoaudiológicas no Setor de Terapia Fonoaudiológica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, observamos um número alto de pacientes disfônicos que cantavam em igrejas. Embora muitos destes não apresentassem queixa específica de voz cantada, relatavam cometer abuso e/ou mau uso vocal, tanto na voz falada como na voz cantada.

Optamos por realizar a pesquisa em campo, uma vez que, no Ambulatório de Voz da Santa Casa, chegamos apenas pacientes com queixas vocais. Realizamos o trabalho dentro das igrejas para assim podermos abranger não só a população que apresenta queixa vocal e procura atendimento específico, como também os que apresentam alteração vocal e não procuram atendimento ou os que não apresentam queixa vocal.

A partir disso, resolvemos pesquisar a forma do canto nas igrejas, procurando abordar não só os coralistas como também os não coralistas (que cantam nas missas e cultos, mas não participam do coral), abordando aspectos relacionados ao uso vocal no canto e na vida diária. Acreditamos que conhecer melhor o uso vocal do cantor religioso possibilita ao fonoaudiólogo um atendimento mais eficiente. Para isso, procuramos os responsáveis por igrejas consagradas, dos quais apenas quatro consentiram em participar da pesquisa, como será descrito posteriormente.

Desse modo, o objetivo da pesquisa foi conhecer a utilização da voz cantada e falada em diferentes tipos de cultos religiosos entre os coralistas e não coralistas das igrejas Católica, Presbiteriana, Metodista e Assembléia de Deus.

Revisão de literatura

O caminho da voz cantada na Fonoaudiologia

Buscamos autores que abordaram o canto e os aspectos relacionados a ele. São escassas as pesquisas que abordam o tema do canto religioso. Por outro lado, existem diversos trabalhos sobre o canto coral, sendo a definição deste um conjunto de cantores que executam peças em uníssono ou em várias vozes (Pela, Rehder e Behlau, 1998). O coral é subdividido em vozes, agrupadas de acordo com a extensão vocal, sendo o regente o responsável por essa classificação. Uma boa classificação vocal é de grande importância, facilita a emissão, realça suas qualidades, evita cantar obras que não são adequadas e previne lesões e enfermidades no órgão fonador (Perelló, 1975).

As vozes são divididas em: soprano, contralto, tenor e baixo (Pela, Rehder e Behlau, 1998). Existem classificações vocais que consideram as vozes intermediárias, tais como meio-soprano, para vozes femininas, e barítono, para vozes masculinas (Lacerda, 1967). Para Behlau e Rehder (1997), as vozes intermediárias optam por cantar em uma dessas quatro classificações.

Um outro aspecto abordado é a atuação de profissionais, como o fonoaudiólogo e o professor de canto junto aos cantores. Uma das técnicas utilizadas é a técnica vocal, baseada em exercícios de relaxamento, exercícios de respiração e articulação, exercícios para sensibilizar as caixas de ressonância e exercícios de apoio, entre outros (Kahle, 1966). Outra possibilidade é o vocalize, cuja finalidade é colocar o aparelho fonador na máxima condição de flexibilidade para obter uma perfeita emissão da voz, um timbre agradável e uma extensão apropriada (Perelló, 1975).

O canto é uma atividade que envolve aspectos físicos e musculares, portanto, são necessários treinos adequados. O aquecimento vocal é essencial para o cantor, independente de seu estilo musical. Assim, é muito citado na literatura como um trabalho a ser realizado com esses profissionais. O aquecimento vocal é definido como um conjunto de exercícios que oferecem flexibilidade aos músculos responsáveis pela produção da voz e preparam a emissão para o canto. São seus objetivos: proporcionar boa cooptação da mucosa, diminuir o fluxo translúctico pela inspiração rápida e curta e expiração controlada, possibilitar às pregas vocais maior flexibilidade, aumentar intensidade e projeção vocal, melhorar a articulação dos sons (Francato, Nogueira, Pela e Behlau, 1996; Behlau e Rehder, 1997; Scarpel e Pinho, 2001).

Ainda nesse sentido, os cantores podem apresentar ao final do dia, após exercerem suas atividades diárias, cansaço vocal, ressecamento da mucosa do trato vocal, pigarro e/ou disfonias em maior ou menor grau. Isso se deve ao fato de os cantores não aquecerem previamente a voz (Facincani, Novaes, Ferreti e Behlau, 1998).

Após a atividade vocal do canto, é importante a realização do desaquecimento, pois facilita ao cantor voltar ao ajuste coloquial, evitando abuso decorrente do canto (Scarpel e Pinho, 2001), porém esse assunto é pouco explorado nos trabalhos relacionados ao canto.

Um outro aspecto abordado no trabalho com os cantores em relação aos cuidados com a voz é a higiene vocal. Fatores como fumo, bebida alcoólica, quadros alérgicos, ingestão de alimentos pesados e condimentados, não hidratar o organismo, cantar em plena digestão e com o estômago cheio, ingestão de leite, café, chocolate, carne, alimentar-se demais, bebidas geladas, mudanças bruscas de temperatura, maconha, cocaína, pigarrear ou “ras-

par a garganta”, tossir, gritar, cantar inadequadamente, ar condicionado, competição sonora, *sprays* e pastilhas, dormir poucas horas, automedicação, alterações hormonais e psiquismo são prejudiciais para a voz (Perelló, 1975; Pinho, 1997; Souza, 1998; Andrada e Silva, 1998).

Material e método

Para selecionar as igrejas do estudo, partimos do princípio que elas deveriam possuir um grande número de fiéis, serem populares e possuírem coral. Tentamos contato telefônico e/ou carta de autorização com treze igrejas da cidade de São Paulo com diferentes confissões.

Tiveram interesse em participar de nossa pesquisa apenas quatro igrejas, todas da cidade de São Paulo (Zona Sul e Zona Oeste): Igreja Assembléia de Deus, Igreja Presbiteriana, Igreja Católica e Igreja Metodista.

Primeiramente, foi entregue aos pastores e padres responsáveis por cada uma dessas igrejas a carta de autorização explicando o funcionamento do Setor de Terapia Fonoaudiológica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, assim como a metodologia e o objetivo da nossa pesquisa. Essa carta foi assinada pelas autoras, orientadora e pelo chefe do Departamento de Otorrinolaringologia.

Além disso, foi apresentado o termo do consentimento livre e esclarecido baseado no modelo padrão do Comitê de Ética em Pesquisa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no qual foi explicado o tema da pesquisa. Esse termo foi entregue para cada sujeito participante, sendo assinado e autorizado o uso dos dados para fins científicos.

Dois questionários foram elaborados pelas pesquisadoras, um para ser aplicado aos coralistas (Anexo I) e outro para os não coralistas (Anexo II) de cada igreja. As perguntas foram elaboradas baseadas nos relatos trazidos pelos pacientes atendidos no grupo dos cantores do Setor de Terapia Fonoaudiológica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

O questionário dos coralistas foi dividido em: 1. Identificação: nome, idade, sexo, escolaridade e ocupação; 2. Uso vocal: faz uso intenso da voz no trabalho e/ou no dia-a-dia; 3. Canto: Igreja que frequenta, estudou música, formação do regente, classificação vocal (quem fez, há quanto tempo e se é

boa), canta em outro lugar, está satisfeito em cantar no coral, recebe alguma orientação sobre o uso da voz no canto, há quanto tempo canta, quantas vezes por semana e duração, tem ensaios programados (duração e frequência), se há divisão de trabalho; 4. Voz: queixa vocal, já procurou médico e tem diagnóstico laríngeo, caso tenha sido feito.

O questionário dos não coralistas foi dividido em: 1. Identificação: nome, idade, sexo, escolaridade e ocupação; 2. Uso vocal: faz uso intenso da voz no trabalho e/ou no dia-a-dia; 3. Canto: Igreja que frequenta, estudou música, há quanto tempo canta, quantas vezes por semana, se canta em outro lugar, está satisfeito em cantar, gostaria de cantar no coral, recebe alguma orientação sobre o uso de voz no canto; 4. Voz: queixa vocal, já procurou médico e tem diagnóstico laríngeo, caso tenha sido feito.

Foi considerado que, do grupo dos coralistas, todos deveriam participar como sujeitos da pesquisa. A partir desse número, foi feita uma relação entre o número de coralistas e não-coralistas de cada Igreja para determinar quantos não coralistas deveriam participar da pesquisa. Na Igreja Metodista de Santo Amaro, foram preenchidos 10 questionários de coralistas e 33 não coralistas; na Paróquia Sant'Ana, foram preenchidos 28 coralistas e 40 não coralistas; na Igreja Assembléia de Deus, foram preen-

chidos 28 de coralistas e 38 de não coralistas; na Igreja Presbiteriana de Pinheiros foram preenchidos 23 de coralistas e 31 de não coralistas.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo com o número 236/03.

Após os cultos, missas e ensaios do coral, foi entregue o termo de consentimento, juntamente com o questionário específico a cada sujeito. Eles foram preenchidos na presença das pesquisadoras e devolvidos em seguida.

Com os questionários respondidos, foram tabulados os dados dos coralistas e não coralistas. Nas tabelas 1, 2, 3 e 4 estão os resultados do Teste de Fisher, bicaudal, e nas tabelas 5, 6 e 7 do Teste Qui-Quadrado. O nível de significância adotado foi de 5% ($p \leq 0.05$). Essas tabelas serão discutidas a seguir.

Os resultados obtidos serão apresentados com a discussão no próximo item, de forma a facilitar a leitura do trabalho.

Resultados e discussão

Neste item, serão apresentados os resultados obtidos por meio das respostas dos questionários, em análise descritiva, número e porcentagem e estatística.

Tabela 1 – Distribuição dos entrevistados coralistas e não coralistas em valores absolutos (VA) e percentuais (VP) com relação a idade, sexo, escolaridade e ocupação

		Presbiteriana		Assembléia de Deus		Metodista		Católica								
		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista				Não Coralista		Coralista		
		VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)			VA	VP(%)	VA	VP(%)	
Idade	1 - 10 anos	-	-	-	-	1,0	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	11 - 20 anos	6,0	19,3	3,0	13,0	4,0	10,5	2,0	10,0	5,0	15,1	-	-	4,0	10,0	-
	21 - 30 anos	6,0	19,3	3,0	13,0	9,0	23,7	6,0	30,0	5,0	15,1	2,0	20,0	10,0	25,0	-
	31 - 40 anos	6,0	19,4	1,0	4,4	12,0	31,6	5,0	25,0	5,0	15,2	-	-	10,0	25,0	5,0
	41 - 50 anos	10,0	32,3	10,0	43,5	6,0	15,8	4,0	20,0	9,0	27,3	2,0	20,0	6,0	15,0	8,0
	51 - 60 anos	3,0	9,7	6,0	26,1	4,0	10,5	2,0	10,0	5,0	15,1	2,0	20,0	3,0	7,5	7,0
	61 - 70 anos	-	-	-	-	2,0	5,3	1,0	5,0	2,0	6,1	2,0	20,0	5,0	12,5	5,0
	Mais 70 anos	-	-	-	-	-	-	2,0	6,1	2,0	20,0	2,0	20,0	2,0	5,0	3,0
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0
Sexo	Feminino	17,0	54,8	15	65,3	29,0	76,3	16,0	80,0	20,0	60,6	-	-	28,0	70,0	21,0
	Masculino	14,0	45,2	8	34,7	9,0	23,7	4,0	20,0	13,0	39,4	10,0	100,0	12,0	30,0	7,0
	Total	31,0	100,0	23	100	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0
Escolaridade	1 Grau	1,0	3,2	7,0	30,4	6,0	15,8	1,0	5,0	3,0	9,1	1,0	10,0	4,0	10,0	2,0
	2 Grau	11,0	35,5	9,0	39,1	9,0	23,7	7,0	35,0	9,0	27,3	2,0	20,0	7,0	17,5	4,0
	Superior	19,0	61,3	7,0	30,5	17,0	44,7	10,0	50,0	14,0	42,4	6,0	60,0	20,0	50	22,0
	Outros	-	-	-	-	6,0	15,8	2,0	10,0	7,0	21,2	1,0	10,0	9,0	22,5	-
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100	10,0	100,0	40,0	100	28,0
Ocupação	Comerciante	4,0	12,9	-	-	-	-	-	-	1,0	3,0	1,0	10,0	-	-	-
	Do lar	2,0	6,4	2,0	8,7	6,0	15,8	-	-	4,0	12,1	-	-	5,0	12,5	6,0
	Estudante	6,0	19,4	4,0	17,4	5,0	13,2	3,0	15,0	5,0	15,2	1,0	10,0	5,0	12,5	-
	Professor	3,0	9,7	1,0	4,4	4,0	10,5	1,0	5,0	4,0	12,1	-	-	4,0	10,0	2,0
	Secretária	-	-	-	-	2,0	5,3	2,0	10,0	-	-	-	-	1,0	2,5	-
	Aposentado	-	-	1,0	4,3	-	-	2,0	10,0	-	-	-	-	4,0	10,0	2,0
	Engenheiro	-	-	-	0,0	1,0	2,6	-	-	2,0	6,1	1,0	10,0	4,0	10,0	3,0
	Outros	16,0	51,6	15,0	65,2	20,0	52,6	12,0	60,0	17,0	51,5	3,0	30,0	19,0	47,5	16,0
	Total	31,0	100	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0

Na Tabela 1, observa-se que a Igreja Católica apresenta maior quantidade de coralistas com mais de 70 anos (10,7%) e não apresenta coralistas com idade inferior a 30 anos, o que ocorre nas outras igrejas. De forma geral, observa-se que a Igreja Assembléia de Deus apresenta uma população mais jovem, ao mesmo tempo em que é a igreja mais recente no Brasil, onde a primeira igreja foi fundada em 1911. As primeiras igrejas Presbiteriana e Metodista foram fundadas em nosso país por volta de 1860 e 1867, respectivamente, enquanto a igreja Católica foi fundada no início da colonização.

De acordo com a Tabela 1, no que se refere ao sexo, a maioria dos sujeitos é do sexo feminino, tanto os coralistas como os não coralistas, exceto os coralistas da Igreja Metodista, onde existe apenas um coral de vozes masculinas. É curioso observar um coral de vozes masculinas numa igreja onde 60,6% dos fiéis são mulheres. Além disso, este é o coral com menor número de indivíduos, o que pode estar relacionado à restrição da participação das mulheres. Como foi dito anteriormente, há uma predominância de fiéis do sexo feminino nas igrejas Assembléia de Deus, Metodista e Católica, o que relacionamos ao fato de estas igrejas apresentarem grande incidência de mulheres com ocupação “do lar”. Na Igreja Presbiteriana, a proporção entre mulheres e homens é mais equilibrada, sendo menor a incidência de ocupação “do lar”.

Podemos observar que apenas nas igrejas Católica e Metodista a maioria dos indivíduos apresenta grau superior completo. No item ocupação, privilegiamos as ocupações mais citadas nas igrejas, como, por exemplo, comerciante, do lar e estudante.

Há uma grande incidência de professores, considerados profissionais da voz, entre não coralistas de todas as igrejas. Isso nos leva a pensar que isso se deve ao fato de estes profissionais terem uma

grande preocupação com a voz, acreditando que canta-se menos como não coralista, já que fazem uso da voz intensamente na profissão.

No que corresponde a outros, foram citadas diversas ocupações com menor frequência, tais como vendedor, cantor, advogado, operador de *telemarketing* e missionário, que podemos relacionar com o uso profissional da voz. É importante ressaltar que todos os profissionais da voz citados, coralistas ou não coralistas, devem ter atenção voltada para a voz, já que apresentam uso intenso dela, cantam na Igreja e a voz é seu instrumento de trabalho.

Com relação à idade, sexo, escolaridade e ocupação, os dados não foram significativos nas igrejas, entre coralistas e não coralistas. E entre igrejas, comparando os não coralistas entre si e os coralistas da mesma forma.

Como mostra a Tabela 2, a maioria dos não coralistas e coralistas das igrejas Presbiteriana (51,6% e 52,2% respectivamente) e Católica (55% e 53,6% respectivamente) referiu não ter uso intenso da voz no trabalho. A maioria dos não coralistas e coralistas das igrejas Assembléia de Deus (57,9% e 55% respectivamente) e Metodista (60,6% e 60% respectivamente) referiu ter uso intenso de voz no trabalho. Conforme vimos na Tabela 1, as igrejas Presbiteriana e Católica apresentam maior número de sujeitos com ocupações como “estudante” e “do lar”, que não são considerados profissionais da voz. Além disso, nas igrejas Assembléia de Deus e Metodista, apesar de as ocupações serem as mesmas, os entrevistados referiram uso intenso de voz no trabalho. Isso é contraditório, uma vez que as ocupações, como estudante, “do lar” e aposentado, não têm vida profissional ativa, e isso nos leva a pensar que na realidade esses indivíduos não apresentam uso intenso de voz no trabalho, podendo ter havido dificuldade na compreensão da questão.

Tabela 2 – Distribuição dos entrevistados coralistas e não coralistas em valores absolutos (VA) e percentuais (VP) com relação ao uso da voz no trabalho e no dia-a-dia

Uso voz	Presbiteriana				Assembléia de Deus				Metodista				Católica				
	Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista		
	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	
No Trabalho	Sim	15,0	48,4	11,0	47,8	22,0	57,9	11,0	55,0	20,0	60,6	6,0	60,0	18,0	45,0	13,0	46,4
	Não	16,0	51,6	12,0	52,2	16,0	42,1	9,0	45,0	13,0	39,4	4,0	40,0	22,0	55,0	15,0	53,6
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0
No Dia a Dia	Sim	16,0	51,6	10,0	43,5	28,0	73,7	15,0	75,0	20,0	60,6	7,0	70,0	23,0	57,5	16,0	57,1
	Não	15,0	49,4	13,0	56,5	10,0	26,3	5,0	25,0	13,0	39,4	3,0	30,0	17,0	42,5	12,0	42,9
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0

Tabela 3 – Distribuição dos entrevistados coralistas e não coralistas em valores absolutos (VA) e percentuais (VP) com relação ao conhecimento teórico sobre música, há quanto tempo canta, quantas vezes por semana, canta em outro lugar e satisfação em cantar

		Presbiteriana		Assembléia de Deus				Metodista		Católica								
		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista						
		VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)					
Conhecimento Teórico	Sim	13,0	41,9	11,0	47,8	8,0	21,1	7,0	35,0	9,0	27,3	3,0	30,0	14,0	35,0	13,0	46,4	
	Não	18,0	58,1	12,0	52,2	30,0	78,9	13,0	65,0	24,0	72,7	7,0	70,0	26,0	65,0	15,0	53,6	
	Total	31,0	100,0	23,0	100	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0	
Há quanto tempo canta	0,1 - 0,9 anos	1,0	3,2	-	-	3,0	7,9	1,0	5,0	-	-	-	0,0	1,0	2,5	11,0	39,3	
	1 - 10 anos	17,0	54,8	13,0	56,6	16,0	42,1	12,0	60,0	8,0	24,2	5,0	50,0	23,0	57,5	15,0	53,5	
	11 - 20 anos	8,0	25,8	3,0	13,0	11,0	28,9	5,0	25,0	9,0	27,3	1,0	10,0	4,0	10,0	1,0	3,6	
	21 - 30 anos	-	-	2,0	8,7	3,0	7,9	1,0	5,0	7,0	21,2	1,0	10,0	7,0	17,5	1,0	3,6	
	31 - 40 anos	4,0	12,9	4,0	17,4	2,0	5,3	1,0	5,0	3,0	9,1	1,0	10,0	2,0	5,0	-	-	
	mais 40 anos	1,0	3,3	1,0	4,3	3,0	7,9	-	-	6,0	18,2	2,0	20,0	3,0	7,5	-	-	
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0	
Quantas vezes por semana	Uma	14,0	45,2	14,0	60,9	17,0	44,7	6,0	30,0	18,0	54,6	5,0	50,0	33,0	82,5	11,0	39,3	
	Duas	8,0	25,8	8,0	34,8	9,0	23,7	9,0	45,0	9,0	27,3	4,0	40,0	3,0	7,5	3,0	10,7	
	Três	6,0	19,4	-	-	6,0	15,8	1,0	5,0	3,0	9,1	1,0	10,0	1,0	2,5	-	-	
	Quatro	-	-	1,0	4,3	-	-	1,0	5,0	1,0	3,0	-	-	-	0,0	-	-	
	Sete	2,0	6,5	-	-	6,0	15,8	1,0	5,0	1,0	3,0	-	-	3,0	7,5	-	-	
	Data Solene	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,0	32,1
	Outros	1,0	3,1	-	-	-	-	2,0	10,0	1,0	3,0	-	-	-	-	5,0	17,9	
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0	
Canta em outro lugar	Sim	4,0	12,9	4,0	17,4	6,0	15,8	1,0	5,0	4,0	12,1	5,0	50,0	8,0	20,0	4,0	14,3	
	Não	27,0	87,1	19,0	82,6	32,0	84,2	19,0	95,0	29,0	87,9	5,0	50,0	32,0	80,0	24,0	85,7	
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0	
Satisfação em cantar	Sim	30,0	96,8	23,0	100,0	37,0	97,4	20,0	100,0	30,0	90,9	10,0	100,0	36,0	90,0	27,0	96,4	
	Não	1,0	3,2	0,0	0,0	1,0	2,6	-	-	3,0	9,1	-	-	4,0	10,0	1,0	3,6	
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0	

Com relação ao uso vocal no dia-a-dia, a maioria dos não coralistas e coralistas relatou usar intensamente a voz, exceto os coralistas da Igreja Presbiteriana, cuja maioria relatou não apresentar uso intenso da voz no dia-a-dia. Isso pode nos revelar que alguns coralistas já possuem consciência de que o uso intenso da voz falada pode prejudicar a voz cantada.

Quanto ao uso da voz no trabalho e no dia-a-dia dos entrevistados, não houve significância nas igrejas, entre coralistas e não coralistas. E entre igrejas, comparando os não coralistas entre si e os coralistas, da mesma forma.

Na Tabela 3, observamos que a maioria dos não coralistas e coralistas das diferentes igrejas relatou não ter conhecimento teórico de música. Isso nos parece estranho, uma vez que consideramos importante que os coralistas conheçam música e leitura de partitura, já que estas são atividades frequentes dentro de um coral.

Em relação ao tempo de canto, a maioria dos não coralistas e coralistas está concentrada no período de um a dez anos. Exceto na Igreja Metodista, em que a maioria dos não coralistas concentra-se no período de 11 a 20 anos, relacionando com a faixa etária desta Igreja, cujo predomínio é de 41 a 50 anos (Tabela 1).

Quanto à frequência da atividade do canto, a maioria dos não coralistas e coralistas canta uma

vez por semana, e, apenas na Igreja Assembléia de Deus, 45% dos coralistas referiu cantar duas vezes por semana.

Nas igrejas Presbiteriana, Assembléia de Deus e Metodista, observamos grande concentração de indivíduos que cantam mais de uma vez por semana, o que não ocorre na Igreja Católica, onde a grande maioria canta uma vez por semana. Alguns coralistas da Igreja Católica cantam apenas em datas solenes. Durante os cultos, pudemos observar que na Igreja Assembléia de Deus há maior exaltação dos fiéis, cantando e participando mais que nas outras igrejas, além de possuir banda e cantores ao vivo.

Como mostram os resultados, a maioria dos indivíduos não canta em outros lugares, exceto na Igreja Metodista, cuja metade dos coralistas refere cantar em outro lugar.

A maioria dos indivíduos está satisfeita em cantar, seja como coralista ou não coralista. Acreditamos que em nenhuma das igrejas há algum critério de seleção para ingressar no coral, e, por esse motivo, os sujeitos estão satisfeitos em cantar como coralistas ou não coralistas, pois cada um escolhe onde quer cantar. Durante a coleta dos dados nas igrejas, alguns sujeitos relataram que não participam do coral apenas por falta de tempo.

Foi questionado aos coralistas e não coralistas de todas as igrejas pesquisadas se eles haviam recebido orientações sobre o uso de voz no canto e, qual havia sido a orientação. Nas igrejas Assembléia de Deus, Presbiteriana e Católica, mais da metade dos coralistas recebeu orientação vocal; 95%, 87% e 71,4% respectivamente. Na Igreja Metodista, apenas metade dos coralistas recebeu orientação vocal e, no caso dos não coralistas, poucos sujeitos receberam orientação vocal. Devido à grande diversidade de respostas, optamos por eleger as orientações vocais citadas com maior frequência. Entre os coralistas, os itens mais citados foram: respiração, aquecimento vocal, não pigarrear, aula de canto, vocalizes, técnicas de relaxamento, exercícios de voz e técnica vocal. Vale ressaltar que as definições para os termos “exercício” e “técnica” são diferentes, porém não esperávamos que houvesse essa distinção pelos coralistas. Podemos considerar que, para os coralistas, esses dois termos têm o mesmo significado. Por exercício, entende-se: “ato de exercitar ou exercer; prática (...) movimento regular, manobra de qualquer companhia, corpo, ação mecânica a que dão lugar os movimentos espontâneos do corpo”; por técnica, entende-se: “conhecimento prático, prática, conjunto dos métodos e pormenores práticos essenciais à execução perfeita de uma arte ou profissão” (*Dicionário Brasileiro*).

Na literatura, os autores descrevem a importância do aquecimento vocal para o cantor (Behlau e Rehder, 1997; Costa e Andrada e Silva, 1998; Francato, Nogueira, Pela e Behlau, 1996; Scarpel e Pinho, 2001) e apontam não pigarrear como um dos cuidados com o trato vocal (Andrada e Silva, 1998; Pinho, 1997). Os dados mostraram que alguns cantores relataram ter recebido como orientação exercícios de técnica vocal e vocalize. A técnica é baseada em exercícios de relaxamento, respiração, articulação e ressonância (Kahle, 1966), e segundo Perelló (1975); o vocalize tem a finalidade

de colocar o aparelho fonador em máxima condição de flexibilidade, obtendo assim uma perfeita emissão da voz.

Entre os não coralistas, as orientações vocais mais citadas foram respiração, postura corporal, técnica vocal, exercícios vocais, não beber gelado e não forçar a voz. Os dados relatados pelos sujeitos da pesquisa coincidem com os achados da literatura: o uso inadequado da voz no canto, assim como beber gelado e forçar a voz são hábitos nocivos para a voz (Andrada e Silva, 1998; Pinho, 1997; Perelló, 1975). Vale ressaltar que, entre os coralistas e não coralistas, o aquecimento vocal é importante; porém, mais importante do que isso é sabermos como esse aquecimento é realizado (porém, esse levantamento não foi feito nesta pesquisa).

Foi citado como orientação vocal, entre os não coralistas da Igreja Presbiteriana, que “cebola faz bem”, porém, segundo Souza (1998), alimentos pesados, condimentados, acres ou ácidos são desaconselhados, podendo causar azia e refluxo gástrico.

As orientações foram tão diversificadas que podemos supor que haviam sido recebidas de diferentes fontes, tais como: de ministros de Louvor, de fonoaudiólogas, na Universidade Livre de Música, de orientadores vocais, de cantores, informações da mídia, de médicos, regentes, professores de canto. Muitos dos itens citados já são de domínio popular. O importante é pensarmos como essas orientações ou cuidados são entendidos, internalizados e o quanto influenciam na forma comunicativa de cada sujeito.

Não houve nenhum aspecto significativo em relação às questões referentes a idade, sexo, escolaridade e ocupação (Tabela 1); uso da voz no trabalho e no dia-a-dia (Tabela 2); frequência do canto nas igrejas (Tabela 3), entre coralistas e não coralistas. E entre igrejas, comparando os não coralistas entre si e os coralistas, da mesma forma.

Nas Tabelas 4 e 5, apresentamos as respostas que foram fornecidas apenas pelos coralistas.

Tabela 4 – Valores absolutos (VA) e percentuais (VP) dos entrevistados coralistas com relação ao conhecimento sobre a formação do regente, classificação vocal, quem fez a classificação vocal e há quanto tempo e se a classificação vocal está adequada

Coralista		Presbiteriana		Assembléia de Deus		Metodista		Católica	
		VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)
Formação do Regente	Superior em Música	23,0	100,0	14,0	70,0	-	-	24,0	85,7
	Piano Incompleto	-	-	-	-	3,0	30,0	-	-
	Advogado	-	-	-	-	6,0	60,0	-	-
	Não sei	-	-	1,0	5,0	-	-	4,0	14,3
	Outros	-	-	5,0	25,0	1,0	10,0	-	-
	Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0
Classificação Vocal	Soprano	6,0	26,1	9,0	45,0	-	-	10,0	35,7
	1 Soprano	2,0	8,7	-	-	-	-	-	-
	Mezzo-soprano	-	-	2,0	10,0	-	-	-	-
	Contralto	6,0	26,1	5,0	25,0	-	-	9,0	32,1
	Tenor	5,0	21,8	3,0	15,0	1,0	10,0	5,0	17,9
	1 Tenor	-	-	-	-	2,0	20,0	-	-
	2 Tenor	-	-	-	-	2,0	20,0	-	-
	Barítono	1,0	4,3	-	-	2,0	20,0	-	-
	2 Barítono	-	-	-	-	1,0	10,0	-	-
	Baixo	3,0	13,0	1,0	5,0	2,0	20,0	4,0	14,3
	Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0
Quem Classificou	Maestro	-	-	3,0	15,0	-	-	11,0	39,3
	Regente	16,0	69,6	14,0	70,0	8,0	80,0	16,0	57,1
	Professor do Conservatório	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
	Ninguém	-	-	1,0	5,0	1,0	10,0	-	-
	Professor de Canto	2,0	8,7	-	-	-	-	-	-
	Não respondeu	5,0	21,7	1,0	5,0	1,0	10,0	1,0	3,6
Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0	
Há Quanto Tempo	0,1 - 0,9 anos	-	-	1,0	5,0	1,0	10,0	11,0	39,3
	1 - 10 anos	12,0	52,2	14,0	70,0	4,0	40,0	15,0	53,5
	11 - 20 anos	5,0	21,7	2,0	10,0	2,0	20,0	1,0	3,6
	21 - 30 anos	2,0	8,7	2,0	10,0	1,0	10,0	1,0	3,6
	31 - 40 anos	4,0	14,4	-	-	-	-	-	-
	mais de 40 anos	-	-	-	-	2,0	20,0	-	-
	Não respondeu	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0	
É Boa	Sim	22,0	95,7	19,0	95,0	10,0	100,0	26,0	92,9
	Não	1,0	4,3	1,0	5,0	-	-	2,0	7,1
	Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0

A Tabela 4 mostra que, nas igrejas Presbiteriana, Assembléia de Deus e Católica, a maioria respondeu que o regente tem formação superior em música; porém, na Igreja Metodista, a maioria respondeu que o regente é formado em Direito (60%) e piano incompleto (30%), não sendo, portanto, cursos de fato para formação de regente. Em São Paulo, existem poucas escolas formadoras de regentes e maestros; desta forma, esses profissionais acabam utilizando seus dons naturais (experiência pessoal, conhecimento empírico), não sendo essencial o conhecimento teórico.

Como é visto na Tabela 4, apenas na Igreja Católica observamos coral a quatro vozes (soprano 35,7%, contralto 32,1%, tenor 17,9% e baixo 14,3%) como afirmam Lacerda (1967), Behlau e Rehder (1997). Neste caso, as vozes intermediárias são aproximadas para os outros naipes. As outras três igrejas fazem a divisão do coral incluindo

as vozes intermediárias (barítono e meio-soprano), o que não é visto comumente nas divisões do coral (Lacerda, 1967).

Nas quatro igrejas pesquisadas, a maioria dos coralistas referiu que a classificação vocal foi feita entre um e dez anos. Porém, observamos que, em algumas igrejas, alguns sujeitos tiveram a classificação vocal feita há muitos anos, como, por exemplo, na Igreja Metodista, onde 20% dos coralistas fizeram a classificação vocal há mais de 40 anos e na Igreja Presbiteriana, onde 14,4% dos coralistas fizeram a classificação vocal há mais de 30 anos.

Em todas as igrejas, a maioria dos coralistas teve a voz classificada pelo regente, e, de acordo com Pela, Rehder e Behlau (1998), o regente é o responsável por dirigir, conduzir e classificar as vozes do coral. A Tabela 4 mostra ainda que a maioria dos coralistas canta no coral entre um e dez anos e considera boa a sua classificação vocal.

No item de formação do regente e nos aspectos relacionados à classificação vocal, não houve significância estatística entre as igrejas, comparando os coralistas.

Na Tabela 5, relacionada à frequência e duração dos ensaios por semana, obtivemos variadas respostas dentro do mesmo coral. Na Igreja Assembléia de Deus, obtivemos respostas de uma a quatro vezes por semana para frequência do ensaio e respostas de uma a oito horas para duração do ensaio. Na Metodista, as respostas da frequência do ensaio variaram de uma a três vezes por semana, e as respostas para duração do ensaio variaram entre duas horas e sem resposta. Na Igreja Católica, foram dadas respostas para frequência de ensaios por semana de uma e duas e para duração do ensaio as respostas variaram de duas a sete horas. A Igreja Presbiteriana foi a que teve menor variação de respostas, tanto para frequência dos ensaios, uma e duas vezes por semana, como para duração dos

ensaios, em que todos responderam duas horas. Como nós assistimos aos ensaios dos corais, pudemos constatar que existem ensaios previamente marcados, com hora e dia da semana. Desta forma não há como variar a frequência e duração do ensaio e, portanto, os sujeitos provavelmente consideraram outras atividades como ensaio. Concluímos que os sujeitos consideraram como tempo de canto o tempo total da missa; porém, em todos os cultos e missas a que assistimos, pudemos observar que o canto não ocorre o tempo todo e que o ensaio ocorre uma vez por semana com duas horas de duração.

A pergunta sobre divisão de trabalho, que tinha a função de avaliar o revezamento dos coralistas durante as apresentações do coral ao longo do mês, foi de difícil compreensão, havendo divergência de respostas entre os sujeitos do mesmo coral.

Nos dados relativos aos ensaios, não houve significância estatística dos coralistas entre as igrejas.

Tabela 5 – Valores absolutos (VA) e percentuais (VP) dos entrevistados coralistas sobre a frequência dos ensaios por semana, duração dos ensaios e se há divisão de trabalho

Coralista	Presbiteriana		Assembléia de Deus		Metodista		Católica		
	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	
Frequência do ensaio por semana	1	21,0	91,3	9,0	45,0	5,0	50,0	25,0	89,3
	2	2,0	8,7	7,0	35,0	3,0	30,0	3,0	10,7
	3	-	-	3,0	15,0	2,0	20,0	-	-
	4	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
	Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0
Duração do ensaio	1 hora	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
	2 horas	23,0	100,0	11,0	55,0	8,0	80,0	24,0	85,7
	3 horas	-	-	2,0	10,0	-	-	1,0	3,6
	4 horas	-	-	2,0	10,0	-	-	-	-
	5 horas	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
	6 horas	-	-	2,0	10,0	-	-	-	-
	7 horas	-	-	-	-	-	-	1,0	3,6
	8 horas	-	-	1,0	5,0	-	-	-	-
	Não respondeu	-	-	-	-	2,0	20,0	2,0	7,1
Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0	
Divisão de Trabalho	Sim	-	-	-	-	5,0	50,0	1,0	3,6
	Não	23,0	100,0	20,0	100,0	5,0	50,0	27,0	96,4
	Total	23,0	100,0	20,0	100,0	10,0	100,0	28,0	100,0

Tabela 6 – Valores absolutos (VA) e percentuais (VP) sobre o interesse dos entrevistados não coralistas em cantar no coral

Não Coralista		Presbiteriana		Assembléia de Deus		Metodista		Católica	
		VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)
Gostaria de Cantar no Coral	Sim	12,0	38,7	14,0	36,8	11,0	33,3	15,0	37,5
	Não	19,0	61,3	24,0	63,2	22,0	66,7	25,0	62,5
	Total	31,0	100,0	38,0	100,0	33,0	100,0	40,0	100,0

A Tabela 6 corresponde à questão elaborada apenas para os não coralistas.

A Tabela 6 mostra que a maioria dos sujeitos não gostaria de cantar no coral da igreja, estando satisfeita em cantar apenas durante os cultos.

Dentro dos aspectos de interesse dos não coralistas em cantar no coral não houve significância entre as igrejas.

A Tabela 7 mostra que, na Igreja Presbiteriana, os coralistas apresentaram maior porcentagem de queixa vocal do que os não coralistas. Nas outras igrejas, os não coralistas apresentam maior ocorrência de queixa vocal do que os coralistas. Estes dados são interessantes, uma vez que imaginamos que os coralistas deveriam ter menos queixas, pois são mais conscientes e trabalhados vocalmente; além disso, os coralistas podem apresentar mais queixas justamente por estarem mais atentos e conhecerem melhor seu aparato vocal.

Em relação aos não coralistas, os sujeitos da Igreja Presbiteriana apresentaram o menor índice de queixa vocal (3,2%) e os da Igreja Assembléia de Deus, o maior (36,8%). Em relação aos coralistas, os sujeitos da Igreja Católica apresentaram o maior índice de queixas vocais (21,4%), e os da Metodista, o menor (10%).

A maioria dos sujeitos relatou não ter procurado avaliação médica. Observa-se que as igrejas que

tiveram maior número de procura não correspondem às que tiveram maior número de queixa vocal, como os coralistas (17,4%) e não coralistas (3,2%) da Igreja Presbiteriana e coralistas da Igreja Metodista (10%). Isso pode ter ocorrido pelo fato de os sujeitos confundirem queixa com sintoma.

Questionamos os coralistas e não coralistas sobre quais eram suas queixas vocais. Citaremos aquelas que ocorreram com maior frequência. Entre os não coralistas, foram citadas as seguintes queixas: pigarro, rouquidão, voz fraca e desafinação. Entre os coralistas, as queixas mais citadas foram: rouquidão, sensação de garganta inflamada, irritação, dor e cansaço vocal. As queixas dos coralistas parecem mais específicas, mais identificáveis, e talvez isso confirme a hipótese de eles serem mais conscientes e trabalhados vocalmente. Relacionando as queixas citadas pelos coralistas e não coralistas com a literatura, o aquecimento vocal possibilitará aumento de intensidade e projeção da voz (Francato, Nogueira, Pela e Behlau, 1996), e os profissionais da voz, como os cantores, apresentam pigarro, cansaço vocal, ressecamento da mucosa e/ou disfonias (Fancinani, Novaes, Ferreti e Behlau, 2001). A rouquidão, também citada, é característica de nódulos vocais, hiperemias e edemas (Pinho, 1998).

Tabela 7 – Distribuição dos entrevistados coralistas e não coralistas com relação à ocorrência de queixa vocal e procura por avaliação médica

		Presbiteriana		Assembléia de Deus		Metodista		Católica									
		Não Coralista		Coralista		Não Coralista		Coralista									
		VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)	VA	VP(%)								
Queixa Vocal	Sim	1,0	3,2	4,0	17,4	14,0	36,8	3,0	15,0	10,0	30,3	1,0	10,0	10,0	25,0	6,0	21,4
	Não	30,0	96,8	19,0	82,6	24,0	63,2	17,0	85,0	23,0	69,7	9,0	90,0	30,0	75,0	22,0	78,6
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0
Procurou médico	Sim	5,0	16,1	11,0	47,8	4,0	10,5	3,0	15,0	4,0	12,1	2,0	20,0	1,0	2,5	3,0	10,7
	Não	26,0	83,9	12,0	52,2	34,0	89,5	17,0	85,0	29,0	87,9	8,0	80,0	39,0	97,5	25,0	89,3
	Total	31,0	100,0	23,0	100,0	38,0	100,0	20,0	100,0	33,0	100,0	10,0	100,0	40,0	100,0	28,0	100,0

Com relação à queixa vocal e à procura por avaliação médica, não foi estatisticamente significativa os achados nas igrejas, entre coralistas e não coralistas. E entre igrejas, comparando os não coralistas entre si e os coralistas, da mesma forma.

Conclusão

Como conclusão do trabalho, ressaltamos a seguir alguns aspectos importantes relacionados à utilização da voz cantada e falada pela população estudada. A população da Igreja Católica apresentou menor frequência de canto por semana; em contrapartida, a Igreja Assembléia de Deus apresentou maior frequência de canto por semana. Em relação aos ensaios, em todas as igrejas os coralistas referiram ensaiar uma vez por semana, durante duas horas.

Nos resultados, notamos que, em todas as igrejas, um maior número de coralistas recebeu orientação vocal, comparado com os não coralistas; porém, de forma geral, as orientações citadas ocorreram superficialmente.

Os resultados desta pesquisa mostram que entre os entrevistados de todas as igrejas, os que mais apresentaram queixas vocais foram os não coralistas das igrejas: Assembléia de Deus, Metodista e Católica. Os coralistas das igrejas Católica e Presbiteriana foram os que mais apresentaram queixas vocais. Entre as queixas vocais levantadas, os coralistas apresentaram-nas de forma mais específicas e identificáveis. Os não coralistas relataram queixas vocais amplas e pouco caracterizadas.

Assim, a fonoaudiologia pode contribuir, dentro das igrejas, atuando na prevenção de possíveis alterações vocais, já que os sujeitos possuem pouco conhecimento sobre o uso de voz. Vale ressaltar que existe um número reduzido de pesquisas sobre o canto nas igrejas, sendo este um campo importante para pesquisas e trabalhos dentro da Fonoaudiologia, uma vez que a procura destes indivíduos por tratamento fonoaudiológico no serviço público vem aumentando nos últimos tempos.

Referências

Andrada e Silva MA. Saúde vocal. In: Pinho SMR. Fundamentos em fonoaudiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998.
Behlau M, Rehder I. Higiene vocal para o canto coral. Rio de Janeiro: Revinter; 1997.
Costa HO, Silva MAAS. Voz cantada: evolução, avaliação e terapia fonoaudiológica. São Paulo: Lovise; 1998.

Facincani MFO, Novaes RM, Ferretti E. Análise dos parâmetros vocais e videolaringoscópica pré e pós-aquecimento vocal em cantores líricos. In: Behlau M, organizadora. Laringologia e Voz Hoje: temas do 4 Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz. Rio de Janeiro: Revinter; 1998. Faltam pags do cap
Francato A, Nogueira J, Pela SM, Behlau M. Programa de aquecimento e desaquecimento vocal. In: Marchesan IQ, Zorzi JL, Gomes ICD, organizadores. Tópicos em fonoaudiologia. São Paulo: Lovise; 1996.

Kahle C. Manual prático de técnica vocal. Porto Alegre: Sulina; 1966.

Lacerda O. Compendio de teoria elementar da música. São Paulo: Ricordi; 1967.

Nascimento AC. Curso para catecúmenos. São Paulo: Socep; 1993.

Pela S, Rehder I, Behlau M. O trabalho fonoaudiológico com corais. In: Marchesan I, Zorzi JL, Gomes ICD, organizadores. Tópicos em fonoaudiologia 1997/1998. São Paulo: Lovise; 1998.

Perelló J. Canto-dicción. Barcelona: Científico-Médica; 1975.
Pinho SMR. Manual de higiene vocal para profissionais da voz. São Paulo: Pró-Fono; 1997.

Pinho SMR. Avaliação e tratamento da voz. In: Pinho SMR. Fundamentos em fonoaudiologia, tratando os distúrbios da voz. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998.

Scarpel RDA, Pinho SMR. Aquecimento e desaquecimento vocal. In: Pinho SMR. Tópicos em voz. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.

Souza TMT. Um século de cuidados com a voz profissional falada: a contribuição da fonoaudiologia [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1998.

Recebido em maio/03; aprovado em abril/04.

Endereço para correspondência:

Grazielle Capato de Almeida Leite
Rua Araldo Ferreira Kluwe, 56, Jd. Prudência, São Paulo,
CEP 04648-160

E-mail: grajuli@terra.com.br